

O USO DA RELIGIÃO COMO FERRAMENTA DE [A]CULTURAÇÃO INDÍGENA NO *AUTO DE SÃO LOURENÇO*, DE JOSÉ DE ANCHIETA

Adailton Alberto de Souza

Graduado em Letras-FASETE. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade Sete de Setembro-FASETE. Especialista em Gestão Escolar- Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Mestre em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro, da FASETE. Email: mestreemlinguaportuguesa@hotmail.com

Joranaide Alves Ramos

Graduada em Licenciatura plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa. Mestra em Estudos Literários. Professora do Curso de Letras, da FASETE.

Natalia de Souza Ferreira

Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Faculdade Sete de Setembro – FASETE

RESUMO

Este artigo reflete sobre o *Auto de São Lourenço (1597)*, de Padre José de Anchieta, discutindo sobre como a religião foi utilizada como ferramenta de aculturação indígena, com vistas ao contexto social do período colonial, observando as ferramentas utilizadas em sua obra que possibilitaram a persuasão da comunidade indígena. Como respaldo teórico, utilizamos Bosi (2005), Saviani (2007) e Castells (2008). Ao realizar a leitura crítica percebemos como foi realizado o processo de aculturação e o mecanismo de manipulação portuguesa exposto com o intuito de catequizar os índios e dominá-los.

Palavras-chave: Aculturação indígena, *Auto de São Lourenço*, colonização, José de Anchieta, religião.

ABSTRACT

This paper reflects about the work *Auto de São Lourenço (1597)* by the priest José de Anchieta, discussing about how the religion was used as a tool of acculturation towards the native indians, in view of the social context of the colonial period, observing the methods described in his work that made possible to persuade the indigenous community. As theoretical basis, we used Bosi (2005), Saviani (2007) e Castells (2008). Through the critical reading, it was possible to notice how this process of acculturation happened and to expose the Portuguese mechanisms of manipulation in order to manipulate and catechize the indians.

Keywords: Indigenous Acculturation, *Auto de São Lourenço*, colonization, José de Anchieta, religion.

1 INTRODUÇÃO

O século XVI foi marcado pela chegada dos portugueses ao Brasil. Tal fato histórico deixou resquícios incontestáveis para a cultura e para a nação que, mais tarde, seriam chamadas de brasileiras. Sabemos ainda que a comunidade indígena já habitava o território e que o processo de dominação portuguesa, a nosso ver, não ocorreu de maneira pacífica e esse processo deixou consequências.

José de Anchieta, por meio da catequese, atuou no papel de educação indígena, através de autos e peças teatrais que tinham como princípio a religião católica e o temor a Deus. Novas noções sobre o comportamento do índio eram impostas; assim, a cultura indígena foi se perdendo e o índio que permanecia entre “a cruz e a espada”, adequou-se ao modelo português.

Pensando nisso, este artigo tem como objetivo analisar o *Auto de São Lourenço* (1597), produção literária concebida na época colonial pelo Padre José de Anchieta. Sabendo que a literatura reproduz as características e o contexto social da sua época de produção, faremos uma leitura crítica das marcas e dos instrumentos utilizados pelos portugueses para a aculturação dos indígenas presentes no Auto selecionado.

Desse modo, para entendermos melhor esse assunto se fez necessário pesquisas bibliográficas de Alfredo Bosi no livro *Dialética da Colonização* (2005); para compreendermos como realizou-se a colonização no Brasil e as consequências do contraste entre a cultura portuguesa e indígena; Dermeval Saviani com *História das ideias pedagógicas no Brasil* (2007); que explana os conceitos sobre aculturação e como funcionou esse processo durante a catequização; Manuel Castells com *O poder da identidade* (2008), com o qual percebemos o valor da identidade de um indivíduo no seu meio de convívio, e a obra *Auto de São Lourenço* de José de Anchieta, para observarmos os mecanismos utilizados na obra que contribuíram para a inserção da cultura portuguesa e perda dos costumes indígenas, na terra “recém-descoberta”.

2 COLONIZAÇÃO DO BRASIL PELOS PORTUGUESES

O processo de colonização do Brasil se deu em meados do século XVI e XVII, com a chegada ao território nacional de expedições portuguesas comandadas por Pedro Álvares Cabral, que visavam a exploração e o domínio das terras. Tal acontecimento habitualmente é exposto como “descobrimto”, entretanto, pode ser visto também como uma invasão, uma vez que a população indígena já habitava as terras. Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da Coroa Portuguesa, na *Carta ao Rei D. Manoel I* (1500), único registro feito naquela época, afirma indubitavelmente: “Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta *Vossa terra nova*, que se agora nesta navegação achou – (grifo nosso)” (1500, p.02). A partir do momento que eles desembarcam no litoral brasileiro, afirma, veementemente, que a terra pertence a Portugal. Sobre um ponto de vista português, Pero Vaz também escreve:

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e eles a nossa, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto, Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazerá Deus que com pouco trabalho seja assim [...] (1500, p.11)

Diante desse cenário, iniciou-se o processo de colonização. Os portugueses identificaram os índios como gentios e ingênuos e, desse modo, implantaram sua cultura, sua língua, sua religião e seus costumes para dominá-los. A presença dos índios gerou um forte entrave aos interesses portugueses, pois, dificultaria a posse das terras, visto que alguns daqueles resistiriam a inserção dos portugueses.

Sobre isso, Bosi (2005, p.15) afirma: “A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se ao nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais.” Ou seja, o ato de colonizar, nunca pode ser comparado a um ato pacífico em virtude de sempre vim acompanhado dos verbos “explorar” e “submeter”; assim sabe-se que foi um processo destrutivo, sendo que houve a subordinação dos habitantes que ali já viviam e exploração das terras.

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

Um das ferramentas utilizadas para a dominação dos indígenas foi a catequização, que através do uso da religião católica os portugueses conseguiram impor o temor e controlar os índios o que veremos no próximo tópico.

3 A PRESENÇA DA RELIGIÃO CATÓLICA COMO INSTRUMENTO DE CATEQUIZAÇÃO

O processo de conquistas de terras contou com a presença da Religião Católica no território indígena, já que o reino Português possuía estreitas relações com a Igreja e a Europa no século XVI era predominantemente cristã. Durante o processo de colonização, a religião católica foi umas das ferramentas adotadas para a subordinação dos indígenas, através do temor a um novo “Deus” e o medo do pecado, implantando pelos portugueses; com isso, uma parte expressiva dos índios tornou-se passivo às suas ordens. Assim, com a finalidade de ensinar e catequizar os nativos, chega ao Brasil, em 1549, a Companhia de Jesus, junto ao principal protagonista dessa aculturação, aqui, o Padre José de Anchieta. Uma tríade assim foi construída para consumir o processo de dominação, como Saviani (2007, p.26) afirma “A inserção do Brasil no chamado mundo ocidental deu-se, assim, por meio de um processo envolvendo três aspectos intimamente articulados entre si: a colonização, a educação e a catequese. A colonização e a educação realizaram-se juntas para atender aos interesses da Coroa: posse e exploração da terra e do povo. A educação deu-se, pois, através da aculturação dos povos dominados pela catequese. Para consumir o procedimento, os jesuítas aprenderam o tupi e organizaram as primeiras gramáticas e vocabulário para facilitar o catecismo da língua.

Esses fatos podem ter gerado violência psicológica sobre os índios, visto que a inserção de uma língua e cultura novas gerariam um entrave em seu imaginário. Nesse contexto, o projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro, e este foi o empenho de Anchieta, como apontou Bosi (2005, p.65). Dessa forma, a religião perdeu a sua essência e não foi utilizada com o intuito da salvação ou conversão ao Cristianismo, em sua raiz original, mas introduzido a fim de impor o temor e dominar, visando a colonização. Assim, as doutrinas religiosas acabaram esvaindo-se e formando um novo pensamento simbólico:

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

A nova representação do sagrado assim produzida não era nem a teologia cristã nem a crença tupi, mas uma terceira esfera simbólica, uma espécie de *mitologia paralela* que só a situação colonial tornara possível. (BOSI,2005, p.65)

Compreendemos, desse modo, que esse período não foi de natureza pacífica, devido a aculturação e inserção de novas práticas. Ao impor a religião católica, os costumes indígenas eram condenados e anulados, sendo considerados pecado, resultando, não raro, no extermínio de inúmeros índios e tribos que não aceitaram as condições impostas. Assim, os índios que aceitaram, por algum motivo, iam se transformando e saindo de sua realidade, acostumando-se aos hábitos portugueses. Como o próprio Anchieta cita, a violência exercida era uma das principais causas da revolta indígena:

O que mais espanta os índios e os faz fugir dos portugueses e por consequência das igrejas, são as tiranias que com eles usam obrigando-os a servir toda a sua vida como escravos, apartando mulheres de maridos, pais de filhos, ferrando-os, vendendo-os, etc. (ANCHIETA,1993, p.334)

Desse modo, o temor foi sendo implantado junto às injustiças cometidas, por não haver nenhum zelo, mas considerá-los como selvagens e os perseguirem. Através dos seus Autos e Peças de Teatro, José de Anchieta fazia essa manipulação entre a religião e a língua, associando sempre ao mal e profano às práticas indígenas que deveriam ser extintas, tais como o nudismo, os rituais, a antropofagia, o culto aos mortos e os demais costumes, e como Bosi descreve:

No universo escuro de Anhangá perfilam-se os maus hábitos: no caso, a antropofagia, a poligamia, a embriaguez pelo cauim e a inspiração do fumo queimado nos maracás. Para falar só do primeiro: o ritual de devoração do inimigo remetia, na verdade, a um bem substancial para a vida da comunidade, sendo um ato de teor eminentemente sacral que dava a quantos o celebravam nova identidade e novo nome. Mas essa função sacramental da antropofagia era exorcizada pelo catequista que via nela a obra de Satanás, um vício nefando a que o índio deveria absolutamente renunciar. (BOSI, 2005, p.67)

Portanto, forjando termos da cultura indígena, Anchieta foi associando e condenando as suas práticas ao mal, demonizando seus rituais segundo a religião católica. Tais práticas eram verdadeiramente ricas em significado e atribuía ao índio sua identidade na tribo. Assim foi implantando o temor e escravização mental indígena através da catequização:

Aí estava, portanto, o alvo real a ser destruído pela pregação jesuítica. O método mais eficaz não tardou a ser descoberto: generalizar o medo, o horror, já tão vivo no índio, aos espíritos malignos, e estendê-lo a todas as entidades que se manifestassem nos transes. Enfim, diabolizar toda cerimônia que abrisse caminho para a volta dos mortos. (BOSI, 2005, p.69)

Esses foram alguns dos resultados da implantação da religião católica com vistas a colonização indígena. A religião perdeu seu viés, para alguns, sagrado e foi deturpada com o

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

objetivo de conduzir os indígenas ao temor e submeter-se a nova cultura e padronização portuguesa, o que chamamos de aculturação. No próximo tópico veremos os conceitos de cultura e aculturação que estão intrinsecamente ligadas a metodologia utilizada pelos portugueses durante seu processo de expansão territorial.

4 CULTURA E ACULTURAÇÃO

O termo ‘cultura’ significa todo aquele **complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano**, não somente em família, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro. Desse modo, compreende-se que as comunidades indígenas que já habitavam o Brasil na época de seu “achamento” por Portugal, possuía sua cultura interiorizada, seus hábitos, leis e viviam ali de forma harmônica, o que acabou sendo abolido com a imposição da cultura portuguesa. Thomaz (1995, *apud* SANTOS, 2010, p. 37) define cultura como:

(...) capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois, a um fenômeno individual; por outro lado, [...] cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares dá diferentes significados as coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. ... o homem é um ser social, o que quer dizer que compartilha com outros homens formas de agir e de pensar.

O que havia de concreto acabou sendo abolido com a imposição da cultura portuguesa. A comunidade indígena perdeu sua identidade, fator fundamental ao ser humano, pois refere-se aos comportamentos, sentimentos, modo de ser, modo de viver, forma de amar de cada um e tudo isso está carregado de uma história de vida ocorrida dentro de um contexto social recheado de crenças e valores. Como vemos, a Identidade é um:

Processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, 2008, p. 22).

Como observamos, a identidade está interligada com o contexto em que o indivíduo permanece inserido, constituída de significados e das experiências vividas, assim, formando características que perpassam para as suas comunidades e relações sociais. Visto que, a construção social da identidade, às vezes, ocorre em um contexto determinado pelas relações de poder, Castells (2008), caracteriza a construção da Identidade em três origens: a Identidade

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

legitimadora, a Identidade de resistência e a Identidade de projeto, e suas definições no seguinte trecho:

Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade. A identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, bem como uma série de atores sociais estruturados e organizados. [...]. A identidade destinada à resistência, leva à formação de comunas, ou comunidades [...] dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável. [...] A identidade de projeto, produz sujeitos, [...] sujeitos não são indivíduos, mesmo que considerando que são constituídos a partir de indivíduos. São o ator social coletivo pelo qual indivíduos atingem o significado holístico em sua experiência (CASTELLS, 2008, p. 25-26).

Analisando o contexto da colonização, percebemos a imposição e construção da Identidade de resistência a comunidade indígena, baseada na opressão e dominação de uma sociedade considerada superior que despiu a Identidade legítima indígena para impor sua cultura. Desse modo, os indígenas passaram por um processo de aculturação, sendo despojados, em um primeiro momento, de sua cultura e depois, vestidos com uma nova cultura. O processo de aculturação foi imposto, muitas vezes de forma violenta, física e/ou psicológica. Isso é corroborado por Bosi:

A aculturação católico-tupi foi pontuada de soluções estranhas quando não violentas. O círculo sagrado dos indígenas perde a unidade fortemente articulada que mantinha no estado tribal e reparte-se, sob a ação da catequese, em zonas opostas e inconciliáveis. (BOSI, 2005, p.66)

Dessa forma, ideias inconciliáveis foram expostas às comunidades indígenas que teriam de ser aceitas como verdades absolutas. Anchieta, não raro, agiu por meio de sua obra contra os elementos culturais dos índios; costumes que eram incompatíveis com o modo de vida dos europeus. Aculturar um povo, afinal, é sujeitá-lo ou adaptá-lo a um padrão tido como superior.

Como Saviani explica no trecho:

O projeto de colonização abarca, de forma articulada, mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (ou índios); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores (SAVIANI, 2007, p.29).

Considerando, portanto, a catequese como um processo de aculturação, de dominação cultural e, sobretudo, com um caráter político pedagógico ao inserir padrões de uma civilização que pretendia se implantar no Novo Mundo, as obras de Anchieta, em geral, e o teatro anchietano

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

em especial, foram importantes instrumentos a serviço da catequese para a eliminação dos costumes fundamentais dos índios.

Pensando sobre isso, no próximo tópico, refletiremos *O auto de São Lourenço*, uma das obras do Padre José de Anchieta em que é visível todo o processo de aculturação e os recursos utilizados pelos jesuítas para a “educação das almas”.

5 O AUTO DE SÃO LOURENÇO

José de Anchieta nasceu em 1534, na ilha Canária de Tenerife e após cursar as primeiras letras e os rudimentos do Latim em sua terra natal, entrou para a Companhia de Jesus, em 1551. Suas obras atuaram na sujeição e dominação dos nativos; para isso, foi necessário conhecer os costumes, a cultura e crenças indígenas e, assim, criar meios de comunicação. No *Auto de São Lourenço*, que tem como função inserir novos costumes aos indígenas e adequá-los ao modelo português, podemos ver claramente as ferramentas utilizadas para persuasão da comunidade indígena, favorecendo a aculturação.

A peça é dividida em cinco atos. Inicialmente, aborda a cena do martírio de São Lourenço. Logo após, Guaixará chamar Aimbirê e Saravaia para que o ajudem a perverter a Aldeia que será, posteriormente, defendida por São Lourenço, e os diabos são presos por São Sebastião. Um anjo manda que eles afoguem os imperadores Décio e Valeriano. Aimbirê aproxima-se dos imperadores enquanto eles recordam algumas de suas façanhas. Os personagens Temor de Deus e o Amor de Deus mandam sua mensagem de que os índios (público-alvo de José de Anchieta) devem amar e temer a Deus que por eles tudo sacrificou. Faz-se o enterro do santo. Meninos índios cantam.

Posteriormente ao martírio de São Lourenço e suas súplicas e adoração a Deus, temos o 2º ato, no qual três diabos são apresentados: Guaixará, Aimbere e Saravaia, que querem destruir a aldeiam com o pecado:

GUAIXARÁ
Quem é forte como eu?
Como eu, conceituado?
Sou diabo bem assado.
A fama me precedeu;
Guaixará sou chamado.

Meu sistema é o bem viver.

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

Que não seja constrangido
o prazer, nem abolido.
Quero as tabas acender
com meu fogo preferido

Boa medida é beber
cauim até vomitar.
Isto é jeito de gozar
a vida, e se recomenda
a quem queira aproveitar. (ANCHIETA, p.05)

Evidentemente, Anchieta associa os hábitos culturais dos indígenas a figura do mal, todo o comportamento apoiado pelos diabos era condenado pelo cristianismo e eram relacionados aos maus costumes, como também aos franceses, que por muito tentaram invadir o Brasil e derrotar os colonizadores portugueses. Inserindo-se um novo imaginário a comunidade indígena: a dualidade bem x mal, o pecado, céu x inferno, e um novo Deus que seria alvo de adoração, como observamos nos trechos do Auto:

ANJO
Os franceses seus amigos,
inutilmente trouxeram
armas. Por nós combateram
Lourenço, jamais vencido,
e São Sebastião flecheiro. (ANCHIETA, p.29)

GUAIXARÀ
Quem bom costume é bailar!
Adornar-se, andar pintado,
tingir pernas, empenado
fumar e curandeirar,
andar de negro pintado.
Andar matando de fúria,
amancebar-se, comer
um ao outro, e ainda ser
espião, prender Tapuia,
desonesto a honra perder. (ANCHIETA, p.06)

Percebemos que os costumes indígenas são relacionados ao mal, como o ato de beber cauim, pintar-se, a antropofagia, a nudez, os ritos, a poligamia e toda sua cultura são expostas através de sua importante alegoria teatral. Sabendo que os indígenas não possuíam uma consciência moral portuguesa, os recursos cênicos eram fundamentais para implantação do medo, conforme aponta Bosi: “A alegoria exerce um poder singular de persuasão, não raro terrível pela simplicidade de suas imagens e pela uniformidade de sua leitura coletiva. Daí o seu uso como ferramenta de aculturação[...]”. (BOSI, 2005, p.81)

A alegoria está presente nos autos de Anchieta, que percebeu nos atos lúdicos das encenações teatrais, a familiarização com os rituais indígenas. Assim, como estratégia de controle e

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

subordinação da comunidade indígena, essa prática esteve presente no processo de reeducação estabelecido pelos portugueses. No diálogo entre o diabo Guaixará e o Anjo São Lourenço é evidente que a prática tem fins pedagógicos:

GUAIXARÁ

Por certo aqueles cristãos
tão rebeldes não seriam.
Mas esses que aqui estão
desprezam a devoção
e a Deus não reverenciam.
Vais ver como em nossos laços
caem, logo estes malvados!
De nossos dons confiados,
as almas cederam passo
para andar do nosso lado. (ANCHIETA, p.12)

SÃO LOURENÇO

Mas existe a confissão,
bem remédio para a cura.
Na comunhão se depura
da mais funda perdição
a alma que o bem procura.
Se depois de arrependidos
os índios vão confessar
dizendo: "Quero trilhar
o caminho dos remidos".
o padre os vai abençoar. (ANCHIETA, p.22)

A disputa entre o bem e o mal vai se tornando explícita, bem como o uso da religião para a conversão dos pecados. O diálogo entre os santos e os diabos torna evidente que o arrependimento e, por conseguinte, a salvação estariam presentes na aceitação da palavra de Deus. As marcas da aculturação são vistas ao longo de todo o Auto e a religião como precursora de todo o processo:

SÃO LOURENÇO

Quem és tu?

GUAIXARÁ

Sou Guaixará embriagado,
sou boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu alado,
sou demônio matador.

SÃO LOURENÇO

E este aqui?

AIMBIRÊ

Sou jibóia, sou socó,
o grande Aimbirê tamoio.

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

Sucuri, gavião malhado,
sou tamanduá desgrenhado,
sou luminosos demônio.

SÃO LOURENÇO
Dizei-me o que quereis desta
minha terra em que nos vemos.

GUAIXARÁ
Amando os índios queremos
que obediência nos prestem
por tanto que lhes fazemos.
Pois se as coisas são da gente,
ama-se sinceramente.

SÃO SEBASTIÃO

Quem foi que insensatamente,
um dia ou presentemente?
os índios vos entregou?
Se o próprio Deus tão potente
deste povo em santo ofício
corpo e alma modelou!

GUAIXARÁ

Deus? Talvez remotamente
pois é nada edificante
a vida que resultou.
São pecadores perfeitos,
repelem o amor de Deus,
e orgulham-se dos defeitos. (ANCHIETA, p.16)

O índio, em todo momento, aparece, a nosso ver, como objeto de disputa entre o inferno e o céu. Enquanto os diabos desejam condená-los apontando e incentivando seus maus hábitos, os santos não só defendem os índios como apontam todos os caminhos para aproximá-los de Deus, com objetivo a redenção dos pecados e aceitação das doutrinas católicas. Como veremos no trecho a seguir:

Aqui estamos jubilosos
tua festa celebrando.
Por teus rogos desejando
Deus nos faça venturosos
nosso coração guardando.
Nós confiamos em ti
Lourenço santificado,
que nos guardes preservados
dos inimigos aqui

Dos vícios já desligados
nos pajés não crendo mais,
em suas danças rituais,
nem seus mágicos cuidados.
Em teu amor confiamos
e uns aos outros nos amamos

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

para todo o sempre. Amém. (ANCHIETA, p.56)

No 5º ato é explicitado a vitória do bem e a procissão e adoração a São Lourenço, que é o grande salvador da aldeia, alvo de adoração. Há a conversão dos indígenas quanto aos pecados praticados, através do temor ao Deus que poderia condená-los ao inferno, mas que converteu e perdoou a todos. Deus é inserido como símbolo máximo e o índio agora teria que seguir as doutrinas e preceitos da religião católica, novos costumes e velhas práticas agora seria alvo do seu cotidiano, a colonização deixa assim, marcas que não se podem restaurar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura empreendida, percebemos algumas das características do processo de aculturação com base no uso da religião católica. A prática visava a colonização do Brasil pelos portugueses, inserindo o temor na vida índio. Visto que não foi uma atividade pacífica, percebemos que houve certa violência psicológica, uma vez que houve a transgressão de sua identidade, o que é fundamental, pois é o que define o sujeito em seu meio de convívio. Em contrapartida, muitos índios se rebelaram por não aceitar o domínio português, resultando ao extermínio de inúmeras tribos, o que deixou resquícios irreparáveis a nossa história e identidade cultural.

Todas as ferramentas usadas no Auto contribuíram para “despir” o índio e ruir toda sua construção social, inserindo um imaginário novo, adequando-os ao padrão português para facilitar a dominação e exploração dos povos e terras. A religião foi a principal ferramenta para a inserção de novos hábitos, e isso é, muitas vezes, comprovado nos autos e peças teatrais de Anchieta que assumiu uma proposta moralista voltada ao domínio; o índio era apenas um objeto, que forma maleável foi conduzido a exploração.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. **Cartas – Informações, Fragmentos Históricos e Sermões** – 1554-1594. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Letras. 1993.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo. Companhia das Letras. 2005

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Publicado originalmente em 1942.

Adailton Alberto de Souza | Joranaide Alves Ramos | Natalia de Souza Ferreira

PERO VAZ DE CAMINHA, **Carta**. MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro In: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf

SANTOS, M. A. **Nós só conseguimos enxergar dessa maneira...; Representações e Formação de educadores**. 2010. 172. Tese – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Editora Autores Associados. Campinas – SP. 2007.